

casa, espalhou bilhetinhos com seu número de telefone, a fim de que, na iminência de minha morte, eu possa ainda encontrá-la. Diz ter sido cantora no passado; seus cabelos são ruivos e ela os usa soltos. Quando me dá banho, eles cobrem meus olhos também. E, por fim, visita-me duas vezes por semana o carteiro, o senhor Bomplang, que me ajuda com a correspondência e executa pequenas tarefas, para que trabalhadores manuais não tenham de entrar na casa. Fala um dialeto da Bavária que mal compreendo. Leio em seus atos o que ele quer dizer, mas com frequência equivoco-me na tradução. Ele, então, ri e me explica o que quis dizer, como se o fizesse para um estrangeiro. Certa feita, vi o miúdo senhor Bomplang e a espigada faxineira abraçando-se, o que só permaneceu indelevelmente em minha memória porque das mãos dela, agitando-se nas costas do senhor Bomplang, pendiam o relógio de ouro de meu avô e um espanador, enquanto seus cabelos ruivos, feito uma coroa de raios, envolviam a cabeça do carteiro a beijá-la, o qual, por sua vez, é careca e nada vistoso. Não tomando a cena pela expressão de um súbito delírio amoroso, supus que estavam provavelmente, e havia já tempos, tramando alguma coisa. Mas tampouco isso me importa. Fico feliz que, com a promessa biológica de minha morte imi-

nente, eu ainda consiga mantê-los. Ninguém quer saber de gente velha. Enquanto minha faxineira continuar dando-me dois banhos por semana, massageando-me a seguir, por um dinheirinho extra, num roupão de banho aberto; enquanto ela mantiver minhas roupas em ordem e me alimentar, pode me enganar à vontade, fazendo seus planos para depois de minha morte. Meu testamento, ela não conhece; iria decepcioná-la. Além disso, mora comigo também um cachorro, Stanley, uma criatura séria e pensativa, de hábitos próprios e obstinados, os quais, na medida do possível, tenho de levar em consideração. Adotei mais ou menos a sua noção de tempo, a fim de não irritar a faceta indolente de seu complicado caráter.

Vivo, pois, sozinho com um cachorro. E, aliás, não para imunizar-me contra o "mundo", o que seria cômico na minha idade, mas sim como consequência e síntese de meu passado. Quem esteve na floresta conhece a tentação da mudez. Quem alguma vez contemplou a profusão de estrelas no céu noturno tropical não precisa mais de companhia alguma para definir o próprio lugar frente à eternidade dos elementos. A gente murcha, torna-se insignificante. O mundo retira-se de nós, não precisamos nos adiantar a ele. As catacumbas da memória